

Um estudo etnográfico sobre um grupo de jovens estigmatizados como pertencentes à carreira criminosa, em uma escola estadual, localizada na cidade de Contagem/MG

Lucas Eustáquio de Paiva Silva¹

Luiz Alberto Oliveira Gonçalves²

RESUMO

A partir das produções acadêmicas que se referem ao fenômeno da violência em meio escolar, pode se constatar que as décadas de 1980 e 1990 caracterizavam-se pela pouca produção acadêmica sobre a temática da violência em meio escolar, na década seguinte, referente aos anos de 2001 a 2011, percebe-se um aumento significativo de pesquisas que, sem dúvida, contribuíram para um maior entendimento do fenômeno, principalmente, pela participação de outras áreas, sobretudo, da saúde. Propomos uma nova abordagem sobre o fenômeno da violência em meio escolar, trazendo a estigmatização e rotulagem como uma nova dimensão do fenômeno. Assim, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar o processo de estigmatização e rotulagem que um grupo de jovens, estudantes do Ensino Médio, de uma escola pública estadual, localizada no bairro Nova Contagem / Contagem-MG, sofre, sendo estereotipados como pertencentes à carreira criminosa e também ao comportamento desviante. Pelos objetivos propostos nesse projeto, a pesquisa será desenvolvida na Abordagem Qualitativa, em particular, pela abordagem etnográfica que, como característica peculiar, permite que gestos, palavras, entonações de voz, o nervosismo, o próprio silêncio façam parte de uma observação acurada e que contribua para a construção e desenvolvimento da pesquisa.

¹ Doutorando em educação na Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professor de Ensino Religioso na Prefeitura Municipal de Contagem e de Betim. Ministra aulas também no Instituto Pedagógico Brasileiro (EAD). Email: lucaspaiva14@gmail.com

² Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais, membro do comitê técnico do programa bolsa da Fundação Carlos Chagas e consultor técnico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Membro do Comitê Científico do Observatoire European de la Violence Scolaires. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação profissional e segurança pública, educação - juventude - movimentos juvenis, diversidade, cultura, pesquisa qualitativa, cultura afro-brasileira - identidade racial - educação e políticas públicas. Email: laog5@oi.com.br

Palavra Chave: Violência em meio escolar, estigma, comportamento desviante.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar o processo de estigmatização e rotulagem que um grupo de jovens, estudantes do Ensino Médio, de uma escola pública estadual, localizada no bairro Nova Contagem / Contagem-MG, sofre, sendo estereotipados como pertencentes à carreira criminosa e também ao comportamento desviante. Os principais referenciais teóricos são os sociólogos pertencentes à segunda geração da Escola de Chicago Howard Becker e Erving Goffman.

2 HOWARD BECKER E ERVING GOFFMAN: DAS INTERAÇÕES SOCIAIS À TEORIA DA ROTULAGEM

É salutar enfatizar a contribuição dos trabalhos de Howard Becker e Erving Goffman para o desenvolvimento da ciência social, em particular, da Sociologia do Desvio. No que se refere ao Brasil, até os anos de 1960, as ciências sociais buscavam como referência interpretativa para entender a realidade sócio-histórico brasileiro, o Marxismo e o Estruturalismo. Os cientistas, muito mais preocupados em entender as macroestruturas estabelecidas na sociedade, abriram pouco espaço para a análise que priorizaram as relações sociais implicadas no cotidiano. Inicia-se uma valorização e um crescente interesse das ciências sociais brasileira em aproximar e analisar, não somente o cotidiano em que as relações entre os sujeitos se estabelecem, mas, sobretudo, compreender que sujeito é esse, quais as suas características. Enfim, a preocupação no final dos anos de 1960, não estava voltada somente para as análises das grandes estruturas que compõem a sociedade, mas focalizava-se no interesse em buscar o sujeito inserido nessa macroestrutura, dando visibilidade a ele e as relações que são estabelecidas na sociedade.

Nesse contexto, as obras de Howard Becker – *Uma teoria da ação coletiva* (1997); *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* (1963) – e de Goffman – *A apresentação do Eu na vida cotidiana* (1959); *Manicômios, prisões e conventos* (1961) e *Estigma* (1963) – ganham visibilidade no cenário brasileiro, possibilitando novas abordagens e novos interesses, sobretudo, em estudar as interações entre os sujeitos sociais. As pesquisas desenvolvidas e orientadas pelo antropólogo Gilberto Velho em meados da década de 1970, demonstram a

influência desses dois grandes sociólogos para o desenvolvimento das ciências sociais brasileira.

Em relação à obra de Howard Becker, de 1963, com o lançamento do livro *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio* e, concomitante, o surgimento da Teoria da Rotulagem, há uma ruptura, no que se refere aos estudos sobre o comportamento desviante. De forma geral, as teorias criminológicas buscavam responder a indagação: por que os indivíduos cometem atos infracionais? Normalmente as respostas e/ou explicações sempre vinham codificados às regras, ou seja, não se preocupava em questionar o rótulo “desviante”, mas apresentar os atos infracionais na perspectiva da sociedade, sempre abordando como um comportamento “disfuncional”, que não enquadra nas ações ditas “certas” e/ou “normais” em que os sujeitos devem sempre almejar. Para Becker (2009), à medida que supõem que atos infratores de regras são inerentemente desviantes, e assim deixam de prestar a atenção a situações e processos de julgamento, a visão de senso comum sobre o desvio e as teorias científicas que partem de suas premissas podem deixar de lado uma variável importante, ou seja, limitar os tipos de teorias que podem ser desenvolvidas e o tipo de compreensão que se pode alcançar.

Nesse sentido, Becker propõe, em primeiro lugar, uma nova definição do conceito de desvio, a partir da crítica de três concepções de comportamento desviante que, segundo ele, não conseguem explicar o seguinte questionamento: *o ato desviante é criado pela sociedade?* Percebe-se que o foco do questionamento não se encontra mais no contraste entre desvio e comportamento dito “correto”, mas no processo da interação entre os grupos sociais que rotulam o que se caracteriza como comportamento desviante. O que difere das teorias criminológicas que buscam uma análise macroestrutural da sociedade, como, por exemplo, a teoria Estrutural - Funcionalista do sociólogo americano Robert Merton, da teoria da Rotulagem, tendo seu maior expoente Howard Becker, é o valor que esse último propõe aos grupos sociais. Diferentemente da teoria Estrutural-funcionalista, em que sua formulação teórica baseia-se na funcionalidade da sociedade, em que a propensão em ocorrer um ato desviante está no conflito entre os objetivos culturais e as capacidades socialmente estruturada que o sujeito detém para alcançar o que almeja, a teoria da rotulagem propõe retirar a sociedade de cena e voltar o olhar para as relações que são estabelecidas nos grupos sociais. Nessa perspectiva, não há consenso, no que se refere ao comportamento desviante, isto é, observa-se que cada grupo social estipula e considera diferentemente a definição do que seja um ato desviante.

Dessa forma, a primeira concepção de desvio criticada pelo sociólogo americano Howard Becker, refere-se ao desvio visto essencialmente como **Estatística**, ou seja, define o comportamento desviante como uma variante em relação à média. Essa concepção não está

diretamente interessada em estudar a violação de regras, propõe olhar para o ato desviante somente na sua proporção, isto é, em uma sociedade em que a maioria dos sujeitos é heterossexual, ser homossexual se caracteriza como um ato desviante. A segunda concepção criticada por Becker é o desvio visto como **Patológico**, revelando a presença de uma doença. Para essa concepção, ser homossexual ou viciado em drogas é um sinal que o sujeito contém sintomas de uma doença. A terceira e, última concepção criticada por Becker diz respeito à **Relativística**. Esta é a concepção que mais aproxima do conceito de desvio defendido pela teoria da Rotulagem. Ela propõe abordar o desvio a partir da descrição de uma determinada regra, ou seja, ela identifica o desvio como a falha em obedecer às regras. Nesse sentido, chegamos na formulação do conceito de desvio defendido pela Teoria de Rotulagem, isto é, o desvio não deve ser procurado no ato desviante, não está nas características de um determinado comportamento, mas na consequência do julgamento dos sujeitos, em classificar e/ou apontar aquele ato como desviante. Em síntese, o comportamento desviante é aquele em que as pessoas rotulam como desviante. No entanto, durante o livro *Outsiders: estudos sobre sociologia do desvio*, Becker deixa claro que não está anulando a natureza do ato, sem dúvida, para a Teoria da Rotulagem, o comportamento desviante tem que ser entendido, tanto pela natureza do ato, quanto pelo rótulo dado pelas pessoas. Mas, o que irá caracterizar e definir essa nova forma de pensar o comportamento desviante será o poder que os grupos sociais terão em definir as proporções do comportamento desviante. Assim, se um ato é ou não visto como desvio dependerá de como as pessoas reagirão a ele. É importante enfatizar que essa reação de determinar se um ato é ou não desviante dependerá muito de outros fatores, como por exemplo, fatores econômicos, políticos, raciais, etc.

Assim o comportamento desviante é, antes de tudo, um processo que envolve reações de outras pessoas. Essa similaridade tem que ser enfatizada ao estudar e/ou pesquisar o ato desviante, todavia, é fundamental, que não perca na análise o pressuposto de que a rotulagem varia de grupo para grupo e que o “peso” de ser rotulado como criminoso dependerá de outros fatores já esboçados acima.

É importante ressaltar que, ao contrário, das teorias criminológicas que partiam da perspectiva sempre da sociedade, a teoria da rotulagem parte do sujeito. Esse é um outro aspecto importante para entender a proposta do sociólogo americano Howard Becker. Da mesma forma que os grupos sociais rotulam as ações de determinados sujeitos de desviantes, os sujeitos identificados como outsiders também, a partir de sua perspectiva, rotulam os que fazem as regras de se comportarem como desviante. A esse respeito, podemos enfatizar a pesquisa desenvolvida pelo próprio Howard Becker com os músicos noturnos. A pesquisa

focalizou os seguintes aspectos: **A** - as *concepções que os músicos tem de si mesmos e dos não-músicos com que trabalham e os conflitos que lhes parecem inerentes a essa relação*; **B** - o *consenso básico subjacente às reações de músicos comerciais e de Jazz diante desse conflito*; **C**- *os sentimentos de isolamento que os músicos experimentam em relação à sociedade mais ampla, e o modo como se segregam do público e da sociedade*.

Durante a pesquisa, o autor vai demonstrando o contraste existente entre o músico e o não-músico. Na concepção dos músicos, o que os diferencia dos não-músicos, por exemplo, é o fato que eles detêm um dom artístico misterioso, que as demais pessoas não tem. Para eles, o dom não pode ser adquirido ou comprado, é preciso nascer com ele. Enfim, a questão central que Becker discute na pesquisa encontra-se no conflito angustiante que os músicos fazem com o público presente nas suas apresentações. Os primeiros, ao se referirem ao público, o caracterizam como “quadrados”. Segundo Becker (2009), o quadrado é visto como uma pessoa ignorante e intolerante, que deve ser temida, uma vez que produz as pressões que forçam o músico a tocar de maneira não artística. O conflito está no monopólio do poder, ou seja, a dificuldade do músico está na aceitação em admitir que o público decide o que deve ser “tocado” na sua apresentação. A base desse conflito reside em duas concordâncias: **A** - o *desafio de auto expressão de acordo com as crenças do grupo de músicos*; **B** - o *recolhimento de que pressões podem forçar o músico a se privar de satisfazer esse desejo*. Assim, para os músicos, eles não devem ser forçados a perder a sua própria autonomia, sendo submissos a um controle externo que dita o que deve ser tocado ou não. Como consequência dessa situação, o isolamento é visto pelos músicos como uma proteção, no que se refere à interferência do público. Eles evitam até olhar para eles, pois o contato direto pode levar o dom “divino” de ser músico, à bancarrota de uma carreira simplesmente comercial.

A partir dessa pesquisa, Becker propõe um outro questionamento: *em que medida e em que circunstâncias pessoas tentam impor suas regras a outros que não as aprovam?* Para Becker (2009), a existência de uma regra não assegura automaticamente que ela será imposta. Há muitas variações na imposição de regras. Podemos citar, em primeiro lugar, que a regra se caracteriza por ser um empreendimento, ou seja, alguém deve tomar a iniciativa de punir o desviante. Em segundo lugar, a imposição ocorre quando alguém delata, quando alguém leva a regra à atenção do público. Em terceiro, ocorre à imposição quando as pessoas vêem vantagem nisso. Dessa forma, um dos aspectos de maior influência na imposição de regras, sem dúvida, é o fator político. Na teoria da Rotulagem fica clara a pertinência da valorização da dimensão política, pois a dicotomia rótulo e imposição de regras variam de grupo para grupo social, a partir das relações sociais e, sobretudo, políticas que se estabelecem nessas relações.

A imposição de uma regra e a rotulagem de um comportamento como desviante encontra-se permeada, principalmente, pela influência de um grupo sobre o outro. A imposição de uma regra só irá se efetivar no conflito entre os grupos sociais, ou seja, a imposição só acontecerá quando falharem os sistemas de conciliação que caracterizam sua relação, ela dependerá dos mecanismos que os vários grupos sociais utilizam para interagir, tendo como eixo central, a busca pelo consenso. Essa imposição, então, vem implicada de várias influências de um grupo sobre o outro, dependendo do seu nível econômico, mas, sobretudo político.

Seguindo na mesma linha, o sociólogo canadense Erving Goffman contribui para essa discussão. Estudou nas universidades de Toronto em 1945 e de Chicago em 1949. Em 1958, passou a integrar o corpo docente da Universidade da Califórnia em Berkeley tendo sido promovido a Professor Titular em 1962.

No livro *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*, Goffman propõe abordar as interações entre os sujeitos, a partir de seus materiais comportamentais, como por exemplo, os olhares, os gestos, posicionamentos, as formas de pronuncia. Para Goffman (2011), eles são os sinais externos de orientação e envolvimento – *estados mentais e corporais que não costumam ser examinado em relação a sua organização social*. Ainda para o autor, o estudo apropriado da interação não é o indivíduo e sua psicologia, e sim as relações sintáticas entre os atos de pessoas diferentes mutuamente presentes uma as outras. No artigo *Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social*, Goffman propõe entender as relações face a face entre os sujeitos sociais utilizando os conceitos “fachada pessoal” e “fachada dos outros”.

O termo fachada se caracteriza pelo seu valor social positivo que uma pessoa contém na sua relação com outro. Os sujeitos, nas suas interações sociais, buscam a todo o momento preservar a sua fachada e, também, contribuem e cooperam para a fachada do outro envolvido na relação. Existem duas formas básicas de *Cooperação*. A primeira refere-se à diplomacia, ou seja, as pessoas agem nas interações, buscam não somente proteger a sua fachada, mas facilitam também a preservação da fachada do outro. A segunda forma de cooperação diz respeito a autonegação recíproca. Ocorre quando a pessoa voluntariamente se priva ou se deprecia, valorizando e priorizando o outro na relação face a face. A busca dessa cooperação encontra-se no que Goffman chama de **etiquetagem social**, isto é, para o autor, a pessoa não apenas defende sua própria fachada e protege a dos outros, mas também age de forma a possibilitar e mesmo facilitar que os outros preservem suas próprias fachadas e a dela. Por exemplo, a etiquetagem social avisa que os homens não devem marcar encontros de Reveillon com muita antecedência, senão a garota poderá ter dificuldade de dar uma desculpa gentil para

recusar. Nessa perspectiva, o autor propõe ao invés de falarmos de fachada no singular, falarmos na dualidade das personalidades, ou seja, na constituição ritual do eu e, sobretudo, na interação face a face entre os sujeitos, é pertinente pensar o que entendemos por nós e o que os outros entendem por nós. Nesse sentido, o autor aborda as duas formas de fachada: *a pessoal e a dos outros*.

Assim as ações dos sujeitos, em parte, se condicionam ao rotulo ou as fachadas que se estabelecem durante as interações sociais. Em 1963, Goffman lança o livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, em que avança na discussão sobre as interações sociais abordando a conseqüência e os efeitos da categorização na formação da identidade social. Nesse sentido, o autor propõe abordar a identidade social a partir de dois vieses: *a identidade social virtual e a identidade social real*. A primeira remete ao caráter que a sociedade categoriza o sujeito, ou seja, em uma relação face a face o que se apresenta para os sujeitos são as concepções, um sujeito “vir a ser”, um sujeito imaginado, com seus atributos. Nas interações sociais os sujeitos transformam essas concepções em expectativas e/ou exigências, não somente de pensamentos, mas, sobretudo, de formas de comportamentos que a sociedade exige. Assim, a identidade social virtual é aquela que, em uma relação social corporifica na interação entre dois ou mais sujeitos, as identidades são constituídas a partir das expectativas dos outros sujeitos. Ao contrário, a identidade social real é entendida como aquela em que o sujeito, na realidade, prova possuir, ou seja, são os atributos que durante uma interação social o indivíduo prova para o outro, que fazem parte de sua identidade, como por exemplo, atitudes como honestidade, caráter e outros valores que são legitimados na sociedade.

No entanto, quando essas duas formas de identidade social entram em conflito, na teoria do sociólogo Erving Goffman, se estabelece uma distorção na imagem do sujeito, ele deixa de ser parcialmente humano, transforma a sua identidade social virtual em uma imagem reduzida ao preconceito e as concepções negativas. Assim, a construção dessa imagem distorcida é chamada, por Goffman de **ESTIGMA**. Esse termo é usado pelo autor caracterizando um atributo depreciativo do sujeito, diminuindo a sua possibilidade de interação estabelecida na sociedade.

Nesse sentido, o conceito, desenvolvido por Goffman, se traduz na imagem depreciativa que o sujeito adquire na sua relação com o outro.

2.1 Metodologia

Pelos objetivos propostos nesse projeto, a pesquisa será desenvolvida na Abordagem Qualitativa que, como característica peculiar, permite que gestos, palavras, entonações de voz, o nervosismo, o próprio silêncio façam parte de uma observação acurada e que contribua para a construção e desenvolvimento da pesquisa. Para as pesquisadoras Sandra Tosta e Célia Marra (2008), embora considerando a importância, abrangência e aceleração do fenômeno, muito se obtém da compreensão mais profunda de sua dinâmica, quando o observador tiver em vista conhecer, prioritariamente, não o quanto, mas o como e o porquê a situação acontece, e nessa a observação participante que permite ao pesquisador mergulhar na realidade em foco.

Nesse sentido, pela necessidade de conhecer e participar dessa “realidade em foco” que o presente trabalho terá como abordagem metodológica a Etnografia. No entanto, é importante ressaltar a necessidade da não diminuição da etnografia como técnica de pesquisa, ou seja, para a antropóloga Sandra Tosta (2008), a etnografia é uma dimensão constituinte da ciência antropológica em seu percurso histórico e de demarcação de estatuto teórico, não podendo ser entendida meramente como um conjunto de técnicas qualitativas e empregada descolada de sua origem epistemológica. Ela surge no cenário das ciências sociais, em particular, da antropologia no momento em que a “dita” antropologia de gabinete, aquela em que os pesquisadores utilizavam descrições, na sua maioria, etnocêntricas de viajantes, é destituída do cenário metodológico da ciência antropológica, dando lugar para a aproximação, ou melhor, para as relações mais estreitas entre o pesquisador e o pesquisado. Dessa forma, o etnógrafo, busca a partir da observação direta, entrar no campo e efetuar não somente o trabalho proposto, mas, sobretudo, participar das relações que são estabelecidas entre os sujeitos no campo de pesquisa. É preciso ouvir o que o outro tem a dizer, seja ele o nativo da sociedade primitiva, seja ele o “nativo” de uma “tribo urbana”, da sociedade contemporânea e, sobretudo, quando o “outro” é membro da “tribo do pesquisador”. Como premissa do trabalho do etnógrafo, a necessidade do distanciamento e do estranhamento na pesquisa, se impõe de maneira definitiva. E deste rito o “estranhar o familiar para torná-lo estranho”, é parte fundamental. Nesse sentido, a etnografia proporciona a possibilidade do pesquisador não só observar diretamente o objeto de estudo, mas participar de forma efetiva nas interações sociais presentes no campo de pesquisa.

No caso da presente pesquisa, escolhemos como local de estudo, uma escola localizada no bairro de Nova Contagem/Contagem-MG que atende, aproximadamente, 1200 estudantes divididos pelos três turnos, oferecendo o ensino fundamental e ensino médio. A escola contém no total dezoito salas de aula, uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma sala dos professores,

duas quadras poliesportivas, uma cantina, uma sala de pedagogas, sala de direção e a secretaria. Construída em meados dos anos de 1990, sua história se confunde com o crescimento da região, concomitante, com a violência do tráfico de drogas. A região conhecida como Vargem das Flores constituiu-se a partir de nove bairros - *Icaivera, Tupã, Darci Ribeiro, Retiro, Estaleiro I, Estaleiro II, Nova Contagem, Ipê Amarelo, Vila Esperança*. Esses bairros, apesar de situados em uma mesma região, são diferentes, no que se refere aos processos históricos. O bairro Icaivera e Retiro, por exemplo, eram grandes fazendas que, a partir de divisões de heranças e conflitos familiares, foram repartidos em lotes e vendidos a terceiros. O bairro Nova Contagem – bairro onde se situa a escola que pretendemos pesquisar - deve seu surgimento e crescimento aos movimentos de invasões ocorridas na década de 1980.

Para Hammersley e Atkinson, citado por Lima (2009), a etnografia é uma empresa textual, porém, esses textos devem relatar a realidade como ela se apresenta na visão do pesquisado, colocando os atores, as situações, as manifestações como elas se apresentam, sem perder de vista que esta vertente metodológica busca entender os significados dos eventos na perspectiva do sujeito e não do pesquisador, claro que isto não remete a neutralidade tão defendidas pelos positivistas, mas, salienta a importância do pesquisador conhecer o significado local da ação.

Em relação ao diálogo entre escola e etnografia, para Tosta e Rocha (2008), no mesmo tempo e espaço da cultura da escola, outras tantas podem ser vistas e apreciadas: processos mais particulares e contingentes das diversas culturas presentes no cotidiano da escola, nas interações e nas redes de sociabilidade que ali são traçadas. A etnografia, desse modo, contribui para pensar a escola na sua pluralidade, nas suas várias formas de pensar o “outro” inserido no seu próprio contexto, permitindo que o cotidiano escolar seja analisado na sua complexidade das interações, visualizando a escola como um espaço aberto de reconhecimento e respeito pela diferença cultural.

3 RESULTADOS:

O trabalho ainda está na fase de coleta de dados.

Resúmen

De las producciones académicas que se refieren al fenómeno de la violencia en la escuela, se puede ver que los años 1980 y 1990 se caracterizaron por la poca literatura académica sobre el tema de la violencia en las escuelas, en los próximos diez años , para los años 2001-2011 ,

encontramos un aumento significativo de la investigación que , sin duda, ha contribuido a una mayor comprensión del fenómeno , especialmente la participación de otras áreas, especialmente la salud. Se propone una nueva aproximación al fenómeno de la violencia en las escuelas, con lo que la estigmatización y el etiquetado como una nueva dimensión del fenómeno. Por lo tanto , el presente trabajo tiene como objetivo analizar el proceso de estigmatización y el etiquetado de un grupo de jóvenes estudiantes de secundaria en una escuela pública, ubicada en Nova Contagem barrio / Contagem –MG, sufre, ser estereotipada como pertenecientes a conducta delictiva y desviada. Objetivos propuestos por este proyecto, la investigación se desarrollarán en el enfoque cualitativo , en particular , el enfoque etnográfico, como característica peculiar permite a los gestos, las palabras, las entonaciones de la voz , el nerviosismo , el silencio en sí es parte de una observación precisa y contribuir a la construcción y desarrollo de la investigación.

Palabra clave: La violencia en las escuelas, el estigma, la conducta desviada

REFERÊNCIAS:

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catharine. **A violência das escolas: dez abordagens européias**. Brasília: UNESCO, 2002.

DUBET, François. **O que é uma escola Justa? A escola das oportunidades**. São Paulo: Cortez, 2008.

GEERTZ, Clifford. **As interpretações das culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GONÇALVES, Luiz Alberto; TOSTA, Sandra Pereira. **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

LIMA, Janirza Cavalcante da Rocha. **Antropologia e educação: um dialogo possível?:** Revista Inter-legenere, Rio Grande do Norte, n. 9, p. 167 – 189, mar. 2009.